

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

FACONNECT

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU: PEDAGOGIA
DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO DAS
INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
PÓLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM
ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS

DANIELA CRISTINA SALVIA GIROTTTO

**PARA O ATO DE EDUCAR,
MINHA TIGELA DEVE ESTAR VAZIA:**

por uma formação emancipativa para elas e com elas,
as professoras

2025

RESUMO

Por meio da escolha e jogo de palavras e metáforas que invocam polissentidos aos conceitos apresentados, este ensaio pretende discorrer, ainda que de forma não-linear, uma análise e reflexão político-social e histórica do lugar do feminino, especialmente na relação com o campo da educação, dando nomes e presença às mulheres que, por meio de suas vivências e seus fazeres, são guias neste processo de restauração da auto-estima das professoras e das qualidades deste feminino como ações afirmativas na preservação da vida e do componente humano em nós e, por conseguinte, do resgate da energia vital e vincular (e portanto, erótica), praticada em coletividade por mais e mais mulheres educadoras para que possam ressignificar a escola como território do encontro amoroso com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: educação. feminino. eros. comunidade.

RESUMEN

A través de la elección y el juego de palabras y metáforas que invocan múltiples sentidos a los conceptos presentados, este ensayo pretende discurrir, aunque de forma no lineal, un análisis y una reflexión político-social e histórica sobre el lugar de lo femenino, especialmente en relación con el campo de la educación, dando nombres y presencia a las mujeres que, a través de sus vivencias y sus haceres, son guías en este proceso de restauración de la autoestima de las profesoras y de las cualidades de lo femenino como acciones afirmativas en la preservación de la vida y del componente humano en nosotros y, por consiguiente, del rescate de la energía vital y vincular (y por tanto, erótica), practicada en colectividad por más y más mujeres educadoras para que puedan resignificar la escuela como territorio del encuentro amoroso con el otro.

TÉRMINOS CLAVE : educación. feminino. eros. comunidad

Abertura: Pôr a mesa

Este ensaio é um gesto_movimento, em primeira instância, na dimensão do pessoal e inaugural em mim, de busca pelo sentido, pelo desejo, por aquilo que me move de verdade, em direção ao que há de mais precioso naquilo que me tornei no contexto da educação e na relação com educadores e educadoras.

A partir da minha experiência durante a pandemia com grupos de formação para educadores, pude atender inúmeras mulheres no ofício da pedagogia, de diferentes contextos, com diferentes vivências, que trouxeram suas angústias, dores, dúvidas e inseguranças frente ao seu papel e às instituições nas quais estavam inseridas. Em nossas conversas, estudos e leituras fomos, juntas, tecendo novas possibilidades de atuação neste campo com a responsabilidade pelas escolhas e gestos, na compreensão e defesa da infância e da vida e pelo fortalecimento de nossa presença nesses meios, dando-nos as mãos para revelar - e reafirmar - a potência das mulheres na educação.

Trata-se também de apresentar, em um campo mais amplo, na dimensão especialmente política e social a partir da premissa de coletividade, uma proposição sobre a atuação das mulheres no campo da educação. E reivindicar seu valor incomensurável na formação da existência e do senso de humanidade em nós ao longo dos tempos, levando em consideração nossas origens culturais e, principalmente, o nosso território (múltiplo e gigante, Brasil) em consonância com a proposição de Bruna Ribeiro¹ por uma educação com dna brasileiro.

Por isso mesmo, busco referências em pensadoras e educadoras que admiro para estabelecer diálogos por meio de fazeres_ações² das mulheres que darão consistência às proposições deste ensaio: a paixão de Madalena Freire, a coragem de Bruna Ribeiro, a transgressão amorosa de bell hooks, a poética no corpo de Adélia Prado, a escrevivência de Conceição Evaristo, o assombro-carne de Silvia

¹ A professora mestra-doutora Bruna Ribeiro, idealizadora da Pós d'A Casa Tombada, Pedagogia das Miudezas: por epistemologias, utopias e teimosias, faz a provocação e a convocação para sonharmos uma educação verdadeiramente brasileira, que se paute em saberes da terra, ancestrais, articulados com a concepção de sulear e com movimentos anticolonialistas no campo da Educação. Em seu livro, Reivindicando uma abordagem participativa com DNA brasileiro: uma utopia em construção, este conceito é tratado.

² O binômio criado por mim neste momento procura correspondência à ideia original de Hannah Arendt sobre os fazeres, a obra e a ação em A Condição Humana, buscando intencionalmente amplificar e questionar o conceito de práticas pedagógicas pura e simplesmente. Daí a escolha por esta forma de me referir às ações dessas mulheres em seu tempo ao longo deste ensaio, utilizando fazeres, obras e ações em intrarelacão..

Federici, a ética-verdade de Doroti, colega da pós Pedagogia das Miudezas³ (todes nomes femininos, substantivos próprios, compostos e in-comuns). Sete mulheres que se desdobram em muitas outras e em si mesmas nessas vivências e modos de ser no mundo. Minha reverência a elas e tantas, que tornaram possível a minha escrita no presente momento.

Faço uma escolha por enaltecer, elevar e expressar os fazeres do feminino na educação; mulheres que são inspiração para mim e me fazem esperar um território_escola que ao mesmo tempo subverta a lógica transmissiva e resgate os gestos originários no ato de educar. Escolho uma pedagogia do feminino, porque a sociedade moderna até aqui tem sempre colocado as mulheres e tantos signos atribuídos a elas como algo menor, desprezível ou desimportante, ordinário e sem relevância.

Afinal de contas, às mulheres sempre foi atribuída a função de gerar vida, cuidar da prole, dar formação e manutenção à sociedade. A relação com palavras que representam o feminino passam por um acervo imagético como gamelas, cuias, tigelas, cestos, cumbuca, panela, balaio e tantas outras que nos passam a ideia de reunir, acolher, nutrir, envolver - receptáculos da terra e da casa, mulher e mãe. Embora nosso lugar tenha sido relegado a um posto de menor valia, é esse mesmo lugar que sustenta toda a humanidade.

Então, este ensaio tem a intenção de eros_tizar⁴ (entendendo-se por vitalizar) o ato educativo por meio da ação, obra e gesto das mulheres. Encontrar um fazer singular - porque cada uma tem o seu modo de fazer educação - e ao mesmo tempo plural, já que se trata de um fazer coletivo. O campo da educação é sempre um campo do coletivo, uma vez que a escola deve ser um espaço que promova o encontro, para fazer junto, estar com pares, reivindicando, portanto, para si a qualidade de comunidade.

A escolha feita por mim por termos como gesto_movimento (singular) e fazer_educação (plural) nesta introdução intenciona enfatizar o ato educativo como ação. A proposição deste ensaio culmina em um movimento e uma afirmação na ação das mulheres *em* e *no* campo da educação.

³ Pós-Graduação dA Casa Tombada, 2024-2025

⁴ Ao longo deste ensaio, irei tratar dos termos eros e erotizar na perspectiva da psicanálise que, em última análise, reconhece Eros como a energia vital (impulso de vida) que nos mantém vivos; a libido que motiva e impulsiona o desejo; a potência de vida, nos corpos e nas ações, que move a humanidade.

Além de tudo, para mim, o ato de educar é ofertar um grande banquete, assim como postulou Larrosa (2019, p.37) ao discorrer sobre o ofício do professor e tratar dos movimentos de “dar tempo, dar lugar” e, finalmente: *“O terceiro gesto do professor é colocar algo sobre a mesa e fazê-lo dizendo: “isto é para vocês.”*

Algo que aguça os sentidos, preparado e oferecido por meio de rituais de afeto e vinculação, como o ato de amamentar, por exemplo. Em outros momentos, pode ser uma grande festa, cerimônia de celebração, de encontro e espírito de coletividade em torno do bem comum. Banquetes, festejos, regabofes, folias e quitutes são alguns dos preparos que se originam nas cozinhas do Brasil, criações dessas mulheres em celebração da vida que promove os encontros!

Portanto, se tomarmos o ato educativo como esse gesto de “pôr a mesa”, nutrir e servir um grande banquete de sabores, quero propôr a apresentação desses saberes_fazeres das mulheres como temperos a serem acrescentados à receita_ensaio.

Neste sentido e direção dados pelo feminino que quero “ensaiar” uma escrita não-linear, zombeteira até, entrecortada de devaneios ou correlações subjetivas - como as músicas, imagens, citações e evocações de referências - que fazem uma espécie de brincadeira ao transgredir a ordem ou dominância de um modo único de construção de um texto. Inserir artimanhas na ambiguidade de sentidos, convidar à dúvida e às muitas camadas que uma ideia pode conter. Afinal de contas, às figuras femininas também foram atribuídas as qualidades de ludibriar, confundir, subverter - e que agora apresento intencionalmente como recurso proposital para dar potência (feminina) à minha escrita.

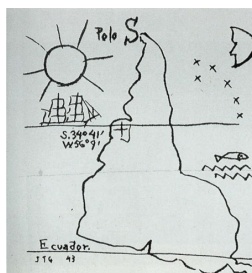
Propositadamente, quero experimentar um ensaio - como a própria palavra nos sugere - como uma dança, um fluxo de pensamento, um movimento de ocupação de lugares distintos ao longo do texto como em um palco, propagando vozes de diferentes pontos e estabelecendo diálogos em todas as direções, sem que necessariamente se obrigue estabelecer uma hierarquia de ideias.

Uma escrita que traz a conversa para dentro. Revela minhas subjetividades, estabelece relações polissêmicas com o real e ainda pretende dissolver a ideia de *absolutez: absoluta verdade, absoluta realidade, absoluta proposição.*

Naturalmente (em mim) o recurso da linguagem poética como ação política, da palavra que apresenta múltiplas camadas e traz em si a complexidade de ser *uma coisa e outra* é intencional - e deseja ser, não como espinha dorsal, mas como um

rio, que conduz a leitura deste ensaio por curvas e desvios, sempre aberta a desaguar... (mais uma qualidade atribuída ao feminino, que não é reto, diretivo ou explícito). Se pretendo trazer uma proposição de educação na perspectiva do feminino, minha escrita precisa trazer esses modos de se apresentar.

Também busco palavras para tecer a trama textual que leve leitores e leitoras a serem afetados/afetadas por esse conjunto de sentidos. Apoio minhas ideias na proposta de *Sulear* - como cunhou Paulo Freire⁵, em contraposição ao conceito hegemônico de referendar nossos princípios em uma cultura do hemisfério norte, branca, colonizadora e dominante (comumente apresentado como “nortear”). Assim, pretendo trazer um vocabulário_raiz, axioma radical pautado em brasilidade, com todas as belezas, contradições, diversidade, dores, sabores, cosmopercepções, incertezas, confusões, criações, potências e mais!



América Invertida
obra de Joaquín Torres García, 1943
(Fig. 1)

Ao longo do texto, surgirão binômios, interligados por *underlines* (que para mim são como pontes), porque me interesse também pela forma do texto e a licença criativa de propor neologismos, ou palavras grávidas, amalgamadas, imbricadas, que tornam-se outra, nova, que sem este traço que as une passam a não fazer sentido em si.

***mulher_professora, corpo_afeto, encontro_experiência, ordinário_extraordinário,
assombro_prazer, sabores_saberes, vaso_palavra_escuta, desejo_vida!***

(Fig. 2)

⁵ Paulo Freire empresta este conceito do físico, professor e pesquisador, Márcio D'olne Campos que inaugurou o termo em seu texto “A Arte de Sulear-se” (1991), propondo o emprego do mesmo no campo da educação em seu livro: *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992, p.112,113)

Decido oferecer meu ensaio às colheradas, começando com a escolha e afirmação de palavras, depois abrindo espaço para as vozes femininas na educação e, por fim, buscando o sentido de comum_unidade neste processo de formação. Seguem-se, pois, os temas que “sulearam” meu percurso de busca pelo sentido do que aqui apresento.

Sumário

etimologia inventada	a escolha das palavras que afirmam modos de fazer educação com dna brasileiro
vozes femininas-guias	processo de afirmação e de auto-estima das práticas autorais das professoras
comum-unidade	construção e proposição de uma “sopa de saberes” coletiva

1. Primeira colherada: Uma etimologia inventada

A escolha das palavras que afirmam modos de fazer educação com
dna brasileiro

1.1 A escolha pela palavra (que lava, escava e transforma)

Assim como na origem de todas as coisas “se fez o verbo”⁶, começo pela palavra. Busco a palavra que contenha em toda ela os sentidos do que quero expressar... Seja pelo conceito que explicita e enlaça prováveis leitores na compreensão identificatória com o termo em si, seja pelas infinitas camadas que guardam sentidos metafóricos ou subjetivos em seu bojo, difíceis de nomear.

Quando escolho a palavra *tigela* (no título deste ensaio) para me referir ao próprio ato de educar, quero trazer possibilidades de dissecar essas camadas de sentidos e propor, por meio desta imagem, uma nova ação_inserção da praxiologia feminina na educação, como se verá mais adiante.

uma etimologia inventada...

*tigela*⁷ - do latim, *tegilium*; *tegellam*; *tegulum*:

¹ cobertura para a cabeça - quipá, conexão com o supremo, proteção;
telha, telhado - casa, morada

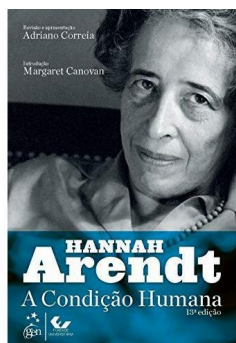
² espécie de coifa ou covo de palha ou junco, vaso - cálice, côncavo,
côvado, recipiente, concha, mulher, ventre

³ conteúdo ou medida para secos ou líquidos - sopa, caldo, caldeirão, cuia,
cozido, colher, cadinho

tigela se inscreve em mim e na minha experiência como educadora - e é por ela que afirmo e oriento toda a minha obra_ação.

⁶ Genesis: “O princípio era o verbo”

⁷ associações de significados levantados pela autora a partir da pesquisa em dicionários online sobre a etimologia da palavra *tigela*



(Fig.3)

Obrar, do latim: exercer um ofício; realizar uma ação; trabalhar, agir.

Hanna Arendt, em sua obra *Condição Humana*, apresenta uma perspectiva para os conceitos de obra e ação, sendo que Obra é a criação de objetos duráveis que dão estabilidade ao mundo, e a Ação é a atividade política e pública, que manifesta a liberdade, a pluralidade humana e a capacidade de iniciar algo novo no mundo.

Ao juntar os dois termos, proponho integrar duas condições centrais da vida humana no ato de educar.

A nomeação do mundo faz o mundo existir! Essa força das palavras está presente na oratória de professores desde Sócrates até nos escritos proféticos de Nostradamus; ou seja: Há que se ter uma responsabilidade ao evocar as palavras, aquilo que nomeamos e como fazemos isso no encontro com o outro. Essas palavras que guiarão a ação educativa e emancipativa da nossa formação enquanto mulheres_professoras_profetisas.



(Fig. 4)

O primeiro gesto em direção a essa “escavação da palavra” foi a sonoridade: ti-ge-la. Gosto do gosto da minha língua e todo o arcabouço que ela, a linguagem, carrega na minha formação enquanto pessoa inserida em sentidos e significados da cultura

nesse tempo e lugar que habito. Tenho palavras preferidas: penteadeira, gamela, “bocadin”, lua, assobio, mexerica...

	<i>Essa sonoridade das palavras me faz lembrar do livro Budapeste, de Chico Buarque de Holanda, adaptado para filme, no qual o personagem principal, José Costa, um ghost writer apaixonado pelas palavras, liga para o Rio de Janeiro de uma cabine telefônica para falar com a mulher e, como não há ninguém do outro lado da linha, decide deixar um recado na secretária eletrônica; só que ele passa a discorrer palavras cuja pronúncia em português e sua simples evocação enche nossos ouvidos de amor e nostalgia pelo Brasil!</i>
--	--

(Fig. 5)

A capacidade de ouvir é uma das habilidades mais primordiais que se desenvolvem neurologicamente no cérebro, antes mesmo do nascimento. Daí, o gesto primordial de minha escavação estar na sonoridade que precede o sentido.

A escolha das palavras também passa pela ancestralidade do nosso vocabulário com dna brasileiro. O que ouvimos na infância se inscreve em nós e recebem cargas afetivas que ficam marcadas em nossos corpos para sempre, de maneira indelével.

*Não me venha de borzeguins ao leito
Quem pariu Mateus que o embale
Ser mãe é padecer no paraíso
Quem não te conhece que te compre
Cadê o toucinho que estava aqui?
Meia pataca, meia tigela*

(Fig. 6)

Ao escavar bem fundo minha vida de menina, em uma família descendente de imigrantes portugueses e italianos, com forte influência de expressões usadas por essas culturas que também formam o sincretismo de ser e tornar-se brasileiro, ainda que na posição de colonizadores, europeus, considerados a aristocracia e burguesia na história de nosso país, não me posso furtar a dizer que fazem parte do que me forjou. Até assumir isso e escavar bem fundo, mais e mais, é uma forma de des-colonizar essas concepções que fazem parte de tantos imaginários e constituições de nossa identidade enquanto povo brasileiro.

Revelar e mastigar as expressões que escutei ao longo de minha trajetória de formação de tornar-me gente, digerir seus sentidos implícitos e rasgar com os dentes seus disfarces nessa formação fazem parte dessa peleja.

A camada a des-cobrir-se em seguida foi definir uma palavra que representasse esse recipiente-côncavo que pode tudo conter. O receptáculo, como o ouvido-escuta, mas também as mãos juntas em concha que seguram as coisas mais preciosas e efêmeras: terra para plantar, água para banhar, segredo para partilhar, imaginação para brincar, unguentos para curar, sementes para germinar...



(Fig. 7)

A cuia ou a cumbuca, ambas de origem indígena (embora eu inferisse que cumbuca poderia ser de origem africana) representam, com toda certeza, essa ideia que eu buscava trazer; entretanto, a palavra tigela “brilhou” assim que eu a alcancei e “calou fundo” um sentido em mim, uma vez que, não só pela sonoridade, me remete à lembranças de um contexto familiar, de memórias da infância, carregada de afetos e cenas vívidas: o prato fundo com creme de espinafre e arroz misturadinhos, os almoços de família aos domingos na casa da minha avó, mesa posta e muitas travessas fumegantes de aromas, a colher raspando o fundo! Cheiros, ruídos, sabores... experiências inscritas na memória e nos sentidos do corpo-casa-criança que minha infância habita.

Tigela é a minha palavra, de origem latina, herança do português.



(Fig. 8)

Tigela é meu receptáculo, meu espaço vazio e aberto, sem alças ou tampa. Disponível. Para a escuta. Para preencher-se do porvir, do outro, de conteúdos e caldos diversos, a sopa de saberes do povo brasileiro, da terra, dos povos originários, das culturas de quem habita e constitui esse país muito mais do que eu. De quem veio antes, do que se faz hoje, do nosso tempo e de tudo que já fomos.

Quisera eu pudesse evocar a palavra cuia ou cumbuca. Embora todos nós tenhamos em alguma medida a ascendência indígena - e isto se tenha comprovado em um caderninho herdado de família e nos meus traços um pouco ameríndios - não me sinto legitimada para me apropriar desses símbolos ainda, já que minha aproximação com esses princípios estejam sendo afirmados com maior força somente há pouco tempo atrás.

Sou atravessada por imagens européias, por uma construção de identidade estrutural, difícil de romper. E assumir essa condição já é um início para questioná-la e transformá-la. Por isso me dou a conhecer como uma educadora de meia tigela - maneira de reconhecer em minha condição e formação - privilegiada, branca, classe média de família paulistana - a falta e o erro em tantas dimensões...

O caminho foi difícil.... Desde que me entendo por gente, mesmo inserida em família burguesa de referências aristocráticas onde palavras como socialismo e comunismo eram pronunciadas em tom de perjura e tabu, algo me “puxava” para questionar alguns princípios, o modo de vida e as desigualdades ao meu redor. Nascida em um dos momentos mais truculentos da ditadura, a música de Geraldo Vandré era a que me movia, a juventude transviada me convocava à liberdade de costumes e eu-menina já sonhava em ser uma antropóloga e morar no Xingu levando uma bolsa de couro à tiracolo. Meus heróis eram personagens de Jorge Amado e eu buscava eternizar a receita da avó, os bordados da tia e o pacto do feminino entre todas nós, as mulheres da família.

No exercício de tornar-me mulher, construir referências e sentidos: vasos, jarros, cálices, frascos, caixas, baús... continente, receptáculo, invólucro, concha, morada.

1.2 Sempre a escolha é pela palavra

Na educação, encontrar as palavras certas, como flechas, que revelem de onde viemos e quem somos, de que somos constituídos enquanto brasileiros, com suas contradições e imensa diversidade, possibilita-nos tecer um vocabulário e um repertório próprios (e por isso, singulares e inéditos) dos nossos modos de ser, fazer e estar no mundo.

Essas premissas, pautadas em uma concepção de educação participativa, humanista e equânime, alicerçam toda uma pedagogia (em letramento e praxiologia) que acontece nas dimensões ética, estética e poética do sular brasileiro.

Há uma responsabilidade imensa na escolha das palavras que irão desenhar todo um modo de pensar sobre as infâncias, as experiências de aprendizagens, as narrativas construídas sobre nossos saberes e a nossa própria atuação e presença como educadoras. Há que estar atenta para não reproduzir padrões de dominação, discursos segregatórios e não cair na armadilha de en-formar o novo em normas

ultrapassadas que deram origem ao silenciamento e à opressão de alguns corpos, em especial mulheres e crianças.

Mesmo sem querer ou perceber, acabamos repetindo padrões e concepções que já estão arraigados em nossas mentes. E exercemos certo poder sobre as crianças, querendo controlar seus corpos e seus pensamentos.

Penso que buscar mais o vocabulário (seja gestual, da fala e do repertório cultural) da criança para estabelecer uma escuta_linguagem e, portanto, um diálogo_aproximação seja de uma beleza sem fim na pedagogia que se faz urgente.

Não é a infantilização ou simplificação da linguagem, mas seu enriquecimento na complexidade de termos que ganham camadas de significados! Em uma escola de salas multietárias, que acompanho com a supervisão e assessoria das práticas pedagógicas, as crianças escolheram chamar uma das salas, cheias de brinquedos e cantinhos convidativos como: *A sala das crianças que brincam*. Validar essa nomeação por parte das crianças é dar a elas o poder de fazer existir, de significar a experiência e a percepção de um lugar sendo seu.

De qualquer modo, a escolha desse vocabulário, arcabouço cultural, próprio da escola e das infâncias, deve respeitar os territórios e as experiências dessas comunidades de modo que criem palavras que expressem todo o sentido que têm para elas. Faz parte dessa abordagem participativa dar voz e acolher todo tipo de resgate do que realmente importa e está sendo esquecido. A experiência verdadeira com as coisas e as pessoas faz o laço para aprender e ser no mundo!

Busco em mim onde estão essas palavras, seja na minha trajetória de vida como criança, pessoa, mulher e também educadora. E raspando bem o *fundo do tacho* encontro o respeito, o interesse genuíno pelo outro que vem, a escuta por inteira. A ética de ouvir atentamente o outro, de abrir espaço para a alteridade, para a humanidade (de novo) em nós! Estabelecer um fio de afeto que nos une, nos faz re-conhecermo-nos como seres humanos, no mesmo planeta_casa.

Reverenciar palavras ancestrais, da cultura popular, do chão das infâncias, do belo que se revela no assombro de algo que não se explica nem se compreende completamente e só é! Encontrar essas palavras é o primeiro gesto a que me dedico.

Em sendo “tigela”, é muito comum eu cair em termos da norma culta, acadêmicos, daquilo que estudei e ouvi falar tão frequentemente. Entre termos mais ou menos repetidos, mais ou menos esperados, mais ou menos tediosos, eu abro alguns lampejos de palavras_sementes, palavras_temperos: justamente aquelas que me

remetem à experiências da infância, a lugares sentidos antes do verbo - e também palavras revestidas de metáforas, poéticas e transgressões.

Para comer depois

*Na minha cidade, nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.
Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:
'Eh bobagem!'
Daqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos:
é domingo, é domingo, é domingo.*

Adélia Prado, do livro Bagagem, 1976

É quando poemas como este nos lembram de resgatar os domingos, aquelas memórias e experiências inscritas no corpo e na alma que lembram quem somos e de onde viemos, que as dimensões poética, política e ética da educação me tocam e que consigo trazer à luz alguma dessas palavras que precisam nascer nos discursos acadêmicos, formais.

Mesmo sem querer ou perceber, acabamos repetindo padrões e concepções que já estão arraigados em nossas mentes. E exercemos certo poder sobre as crianças, querendo controlar seus corpos e seus pensamentos.

Penso que buscar mais o vocabulário (seja gestual, da fala e do repertório cultural) da criança para estabelecer uma escuta_linguagem e, portanto, um diálogo_aproximação seja de uma beleza sem fim na pedagogia que se faz urgente.

Não é a infantilização ou simplificação da linguagem, mas seu enriquecimento na complexidade de termos que ganham camadas de significados! Em uma escola de salas multietárias, que acompanho com a supervisão e assessoria das práticas pedagógicas, as crianças escolheram chamar uma das salas, cheias de brinquedos e cantinhos convidativos como: *A sala das crianças que brincam*. Validar essa

nomeação por parte das crianças é dar a elas o poder de fazer existir, de significar a experiência e a percepção de um lugar sendo seu.

De qualquer modo, a escolha desse vocabulário, arcabouço cultural, próprio da escola e das infâncias, deve respeitar os territórios e as experiências dessas comunidades de modo que criem palavras que expressem todo o sentido que têm para elas. Faz parte dessa abordagem participativa dar voz e acolher todo tipo de resgate do que realmente importa e está sendo esquecido. A experiência verdadeira com as coisas e as pessoas faz o laço para aprender e ser no mundo!

1.3 O outro lado da palavra é a escuta

A escuta é premissa deste ato educativo/formativo que ofereço às professoras.

Para haver escuta, é preciso que meu corpo-receptivo esteja vazio: de pressupostos, conteúdos, formas, preconceitos ou certezas. Completamente disponível para ser preenchido por algo novo, inédito, que pode ser encantador ou assombroso. ordinário ou extraordinário, singelo ou complexo. Daí a imagem da tigela vazia.

Os cem ouvidos do/a educador/a

Se a criança é feita de cem...

(...)

Como captar, ouvir, interagir e se relacionar com tantas linguagens, sem termos cem ouvidos?⁸



(Fig. 9)

O símbolo (logomarca) acima foi criado durante a pandemia para apresentar-me em um outro campo de atuação no atendimento de professoras, que nomeei de

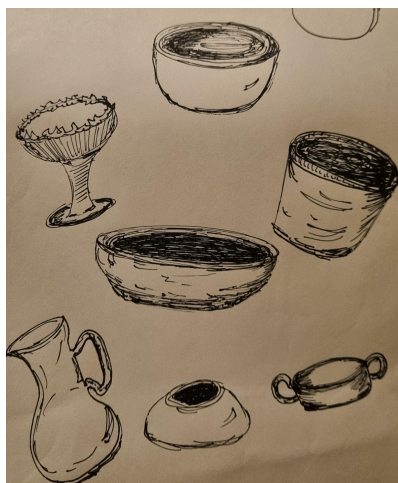
⁸ trecho do poema *Os Cem Ouvidos do/a Educador/a* em: *Pedagogia das Miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta*, de Bruna Ribeiro, 2022

interlocuções (com uma linha “underline” no início, para sugerir conexões e integrações). Eu havia saído do lugar de coordenadora em uma escola particular de São Paulo e me lancei a fazer muitas outras coisas que tinha vontade de experimentar. Procurei fazer contato e ter diálogos com diferentes pessoas que admirava na área da educação, busquei referências em novas leituras e grupos online, fiz novas parcerias, conversas e vínculos - mesmo com a distância, que nos fazia agarrarmo-nos ainda mais nas ínfimas possibilidades de estarmos conectados a outros seres humanos e toda essa imensidão de linguagens, culturas, saberes, afetos e empatia.

Neste processo de me redescobrir, me nutrir e expandir, me dei conta que a escuta era o ponto central de minha natureza_condição. Nesses encontros com educadoras de tantos lugares e contextos os mais diversos - educadoras, também elas, únicas em seus relatos, em suas experiências e percepções - a escuta foi o que pude partilhar de mais importante para abrir possíveis afluentes em suas trajetórias: na constituição de sua voz, seu valor, seu lugar. Descobri que essa forma de escuta era o cerne da educação, quando se entende por educação essa transformação através do afeto, do acolhimento, da troca, da partilha...

Sendo assim, o símbolo escolhido representava uma orelha, como esse canal cheio de voltas para captar tudo. O desenho também faz alusão à propagação de ondas, seja no ar ou no meio líquido, quando alguém joga uma pedra em um lago, por exemplo. Eu penso que esta imagem remete à ideia de algo que reverbera, que ganha amplitude e torna-se algo maior e mais próximo do que se costuma relacionar à experiência de coletividade. Ora, na relação que se estabelece com a educação, há na escuta a dimensão do coletivo, compartilhado; haja visto o que já foi transmitido oralmente por gerações nas tradições dos povos originários, griots, repentistas e contadoras de histórias, de brincos ou parlendas.

Assim como a práxis da professora é escutar as crianças em todas as dimensões - o que significa estar disponível e inteira para deixar-se tocar ou atravessar pelas manifestações das infâncias - a minha escuta também tece essa qualidade: *vaso aberto ao encontro*.



(Fig. 10)

Aqui traço uma linha-referência com a experiência singular vivida por Sandra Eckschmidt e contada em seu livro *Ndiphilile:Eu estou viva!*⁹ No tempo em que ficou na África, não foi capaz de compreender nenhuma palavra falada pelas crianças daquela escola, posto que o dialeto e a construção fonética da linguagem era completamente estranha a qualquer referencial seu. Então, a escuta que exercitou naquela temporada foi “escutar” os corpos a brincar, suas reações, expressões e autenticidades.

Dizem que quando “fechamos” um dos sentidos de ver, escutar, etc... abrimos outras possibilidades para ver e escutar. A plasticidade cerebral é capaz de reconstruir caminhos e áreas inteiras como forma de compensação. Aguçam-se, assim, as percepções sobre os acontecimentos no mundo - ou seriam cosmopercepções? - e concomitantemente, como sugere a fenomenologia, dentro de nós também.

O que quero dizer é que a escuta da professora permite que se estabeleçam novas conexões ou possibilidades de sentidos a partir da abertura para o encontro. E o encontro com a criança é sempre algo inédito. Para isso acontecer de verdade é preciso estarmos abertos: sermos vaso, receptáculo. Sem previsibilidade, sem julgamento, sem controle - apenas deixar-se atravessar pela experiência *do/no* outro. Isso modifica a experiência, o encontro, o outro e a nós também.

Costumo dizer que esse tipo de escuta coloca-nos no lugar de testemunho das infâncias, honrando e potencializando o existir_criança. Escutar a criança é dar lugar a ela, abrir espaço para ela ser!

⁹ Eckschmidt, Sandra_ *Ndiphilile:Eu estou viva!* - Ed. Ecolivros. 2015

É preciso “esvaziar o vaso”, trazê-lo novamente à sua origem de receptáculo disponível a receber o que vem do mundo. Essa imagem da tigela que está vazia nos remete a um corpo receptivo, disponível, acolhedor. Pronto para abraçar e dar contorno às expressões da infância, sejam gestos, palavras ou modos de sentir e pensar o mundo.

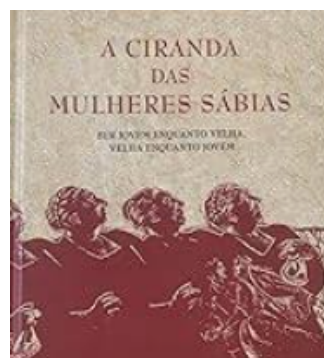
Essa disponibilidade, que é qualidade associada ao componente feminino, permite a potencialização do desejo e do prazer nas experiências dos encontros e da formação de seres na qualidade de humanos.

Quando uma professora escuta o pensamento ou o brincar de um aprendiz, ela valida o percurso de formação de sujeitos no mundo, nessa singularidade, em que o sujeito se vê existente e existindo. A escuta também é uma forma de evocar a existência do outro, só que por meio do *ecoar*, amplificando seu estar no mundo.

2. Segunda colherada: Vozes femininas

Processos de afirmação e de auto-estima das práticas autorais das professoras

*A MULHER QUE SABE SEUS
ATRIBUTOS: CAPACIDADE DE DESAFIAR
AS PROBABILIDADES E ENSINAR
OUTRAS A FAZER O MESMO.*



10

2.1 O que há no fundo da tigela? O perigo do vazio

Ao retirar mais uma camada, dessas que preenchem o recipiente_receptáculo, seja ele tigela ou vaso, nos deparamos com o vazio.

¹⁰ Estés, Clarissa Pinkola. A Ciranda das Mulheres Sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. - Ed. Rocco - RJ, 2007. - pág. 31

Ao mesmo tempo que o vaso vazio remete à ideia de disponibilidade para tudo receber, também pode indicar algo desvitalizado, inerte. Vazio. Sem desejo.

Mas qual é o perigo do vaso vazio?

bell hooks (2013, p.26), em seu livro *Ensinando a Transgredir*, levanta essa questão: *Poucos professores falam sobre o lugar das emoções na sala de aula. Se formos todos emocionalmente fechados, como poderá haver entusiasmo pelas ideias?*

De fato, o próprio sistema capitalista rouba a emoção, o componente afetivo, aquilo que nos vincula nas relações de trabalho e nas relações como um todo. Tudo fica mediado pelo objeto que está fora, que é em certa medida inalcançável. Gestos ficam robotizados e o que continha a beleza comovente do ofício se reduz à mera atribuição de tarefa, trabalho, labor, no sentido mais estreito desses termos. Algo que está fora, que não se conecta a nenhum sentido e que não pertence a ninguém. Não está na categoria de saberes, são desapropriados do homem. As ações do *homo faber* se tornam automatizadas, sem nenhum tipo de maravilhamento ou incitação em si - a não ser pelas promessas de sucesso ou de alcançar um objeto de consumo que passa a qualificar e definir quem a pessoa é. As relações são desprovidas de carga erótica, que vincula as pessoas por meio das experiências profundas de prazer e desejo e desloca tais qualidades para os objetos, estes sim investidos de fascínio e cobiça. Elas se tornam meios para o consumo e não mais meios para o encontro.

Se isso acontece em todas as camadas profissionais, imagine-se na área da educação, onde especialmente no ocidente, e nesta lógica capitalista-patriarcal o ofício de educadores e educadoras; leia-se o ato de educar, está ainda mais desvalido. Então, a escola passa a ser lugar_depositário de crianças e jovens - o receptáculo vazio: paredes cinzentas, janelas com grades, sistema de produção a encher as cabeças com a transmissão dos conhecimentos chancelados por essa mesma lógica patriarcal-capitalista-colonizadora; cadernos em branco.

Os atos educativos são ditados por fatores exógenos como apostilas, currículos e teorias desconectadas com as experiências do viver, do chão da escola e das infâncias. Como um ser humano pode encontrar alguma vitalidade ao exercer algo que está totalmente retirado de si, daquilo que o forja e o que lhe importa verdadeiramente? Seguimos zumbis, reproduzindo modos de educar sem se questionar do porquê fazemos o que fazemos, sem encontrar sentido ou vinculação na relação com o outro e os objetos de estudo, pasteurizados em nossa auto-estima destruída e combatida com desdém.

Somente a ação movente das mulheres reivindicando sua sabedoria no ofício de cuidar e formar a sociedade com os princípios e valores que realmente importam para sustentar a vida no planeta - quais sejam: o amor, o cuidado, a empatia, a receptividade - transmutados em uma pedagogia do cuidado, da escuta e do bem comum podem combater as necropolíticas que vicejam pelo mundo.

Entretanto, também esses valores, atribuídos ao feminino, foram esvaziados de sua importância, como se gerar e preservar vida, provendo o bem estar, nutrindo, acolhendo e formando as gerações vindouras não fossem princípios essenciais para a garantia da continuidade da espécie humana!

Em seu livro, *Calibã e a Bruxa*, Silvia Federici (2004, p.132-134) faz uma análise profunda sobre essa destituição de poder das mulheres ao longo da história. Na passagem do sistema feudal para o capitalismo, as mulheres foram disciplinadas para se tornarem máquinas de reprodução de mais força de trabalho. Além disso, foram relegadas ao trabalho doméstico e ao de cuidados da prole, ambos profundamente desvalorizados. Estes processos, tanto a disciplina quanto a desvalorização, ocorreram por meio de vários mecanismos que minaram a força das mulheres na sociedade.

Somos vítimas de um processo de extrema violência ao nos retirarem absolutamente tudo do que somos constituídas: tigela vazia, abandonada a um canto, sem nenhum alimento, usada e jogada fora, desimportante, sem nada que possa ser aproveitado...

Uma das pautas que levanto é: Por que as mulheres até pouco tempo não apareciam como protagonistas de grandes pensamentos, propostas e movimentos históricos? Não que elas não estivessem lá. Mas este foi um projeto de destituição dos poderes atribuídos às mulheres, de seus corpos, seus saberes e suas forças criadoras!

No caso das professoras, segundo Alicia Fernández (1994, cap. 1), essas mulheres foram sequestradas de sua condição de “seres desejantes”; disciplinadas e recatadas em seus gestos e expressões, sem direito à voz de seus desejos, um ser à margem dos acontecimentos nos centros das famílias, grupos sociais e moradias. Foram transformadas em um móvel, em um corpo liso e asseado, sem saliências ou aromas, sem qualquer componente desejoso ou atraente. Nenhum vínculo erotizado poderia ser associado à imagem da professora. Nem gestos, nem curvas ou personalidades que lhes dessem qualquer indício de vida fora deste contexto educacional.

Muitas dessas professoras são vistas ainda hoje como “tias”, que não têm filhos próprios e, portanto, não têm relações sexuais; vivem sozinhas, sem excessos ou prazeres, dedicadas exclusivamente à educação e ao cuidado das crianças. As professoras parecem não ter casa, não serem filhas nem mães de ninguém. Não comem nem dormem. Não têm vida própria; existem na relação direta com a escola - e ponto. Estão sempre ali, disponíveis, esperando por seus alunos e alunas. Destitui-se completamente qualquer componente erótico ou sexual de seus corpos. Só que corpos destituídos de eros não sobrevivem: morrem ou perecem. Ou pior: simplesmente não existem; ninguém os vê, os percebe. Tornam-se invisíveis e desimportantes.

2.2 O que o fundo da tigela nos revela: em busca do caldo

Mas, ora! Não existe aprendizagem sem vínculo, sem desejo e encantamento. Qual foi a criança que não teve em seu objeto maior de desejo a mãe, a professora primária, a menina mais velha que trazia a promessa do 1º amor que a gente não esquece... E também qual criança não viveu a dor de ter a figura feminina almejada transmutada em algo severo, rijo, sem conexão e opressor. Essas experiências definem toda uma condição humana e são determinantes e cruciais para a constituição de quem vamos nos tornando_ser. Sempre na relação com o outro, com aquilo que nos atravessa, que nos afeta. E ganham sentidos singulares em nós, para o bem e para o mal. Fadas e bruxas são extremos que as mulheres ocupam na construção de sua imagem nas sociedades colonizadas e colonizantes ou mesmo no imaginário infantil que nos foi significado dessa forma.

Mesmo os poderes de parir, curar, nutrir e preservar foram cooptados pela sociedade capitalista-patriarcal. Instituiu-se que as mulheres precisavam de um homem, médico, no caso, um especialista detentor do saber para lhes dizer como e quando deveriam parir. Usurparam o saber ancestral de um corpo que dá vida e institucionalizaram o ato de trazer à luz por meio de um lugar de controle: o hospital. Assim aconteceu com a sabedoria intrínseca das mulheres na relação com os elementos da natureza, ervas e cozimentos que permitiam a cura e o bem estar de comunidades inteiras e que hoje são produzidos e sintetizados em laboratórios frios onde remédios e alimentos perdem sua conexão com a terra e ganham a chancela de ciência, modificados pela

força e o conhecimento do homem que domina, enfim, a natureza. Por fim, a segurança dos lares e dos braços femininos é substituída por uma promessa de proteção do macho provedor e por exércitos e tropas masculinas que defendem as propriedades e as posses, na mesma medida em que impõem normas e costumes às minorias sociais, sejam elas crianças, mulheres, negros, indígenas, velhos, enfermos, miseráveis e todo tipo de pessoas que estejam à margem desse estado de coisas. Também à mulher foi atribuída ao longo dos tempos a qualidade poderosa de incluir a todos, preservar a vida e integrar aquilo que nos faz humanos, justamente aqueles que são hostilizados pela sociedade patriarcal.

Ultimamente, estão tentando reparar esse apagamento e resgatar nomes e personalidades que fizeram parte dessa construção de saberes. Nos meus cursos e grupos de estudo o principal aspecto que permeia todos os encontros formativos é a percepção dessa condição em que são colocadas as mulheres - e professoras, por conseguinte - e a valorização de seus desempenhos e realizações numa construção de auto-estima e empoderamento.

Dar voz a essas mulheres, comuns, cotidiárias! A quem os contextos sociais deram tão pouco: condições de estudo, oportunidade de trabalho, reconhecimento e reverência a seus saberes, validação e admiração de seus propósitos, relevância em seus atos e sua trajetória, os melhores postos, os mais altos cargos, as qualificações mais valorosas. Quanto esforço e luta são necessários para que mulheres possam garantir seu lugar, afirmar suas escolhas e serem respeitadas em seus posicionamentos? Sem que sejam alijadas dos debates, marginalizadas, chamadas de loucas ou coitadas, histéricas ou incapazes, num processo de extirpação de seus poderes para os porões ou para a fogueira!



A Morte de Joana D'Arc na Fogueira,

Fig, 11

São tantos séculos de opressão, que nós mesmas não conseguimos levantar a cabeça e ver além desse lugar de escassez, de exaustão, de pouco ou nenhum reconhecimento.

“Nesse sentido, nos diz Maria Helena Souza Patto (1993, p. 119-141), o que parecia ser apenas um problema de atingir uma coerência entre teoria e método, revelou-se, acima de tudo, uma questão de procura de uma teoria que superasse não só as versões funcionalistas sobre a relação escola-sociedade, mas também as concepções críticas da escola que a vêem apenas como instituição reprodutora da ideologia e das relações sociais de produção - ou seja, como instituição homogeneizante e totalmente determinada pela estrutura social e pela vontade estatal. Configurou-se, noutras palavras, a necessidade de uma teoria que possibilitasse estudar a escola como "instituição articulada organicamente com a estrutura de determinada formação social", articulação esta não-mecânica mas dialética, na qual a escola (como, de resto, qualquer instituição) pudesse ser apreendida como lugar de controle estatal e de apropriações desse controle pelos seus destinatários, como lugar de dominação e de rebeldia, de reflexo e de criação, levados a efeito por sujeitos individuais que tecem ativamente a vida na escola. O estudo da escola estava a requerer uma teoria marxista que desse conta da participação das pessoas, dos indivíduos, dos sujeitos na vida social.”

No campo da Educação - assim como em todos os outros campos produtivos de trabalho - eram pessoas do gênero masculino que se sobressaíam, apresentando pesquisas, postulados e práticas que orientavam toda uma forma de vida em sociedade. Desde Piaget, passando por John Dewey, Vygotsky, Freinet, Paulo Freire, Malaguzzi ou Nego Bispo. Todos eles gigantes e importantíssimos! Mas aqui eu desejo expor o cálice abundante dessas mulheres maravilhosas que estavam na educação desde sempre, ao mencionar Maria Montessori, Nísia Floresta e Constance Kamii, passando por Emília Ferreiro, Delia Lerner, bell hooks, Lélia Gonzalez, a Peo (Maria Amélia Pereira), Vea Vecchi, Madalena Freire, entre tantas outras.

O problema é que a estrutura empresarial, corporativista e capitalista erige uma hierarquia onde, geralmente, os homens ocupam os lugares de destaque e liderança, enquanto as mulheres vêm logo abaixo, como subalternas, a realizar suas determinações.

O corpo feminino, tal qual um receptáculo - cuia, cumbuca, tigela, vaso - impera nas escolas, seja por compor a grande maioria de corpos que transitam, especialmente na

educação infantil e anos iniciais, quando a escola é lugar das infâncias (até os dez anos), seja porque os movimentos de cuidar, acolher, maternar, abraçar, nutrir e outros mais estão diretamente relacionados a esses contextos.

Ao mesmo tempo que são a maioria, entre todos os cargos – desde a merendeira e auxiliar de limpeza, passando por secretárias, professoras, coordenadoras e diretoras - essa condição as transforma em massa, indiferenciável. Os aventais, roupas e instrumentos de trabalho também as camuflam, uniformizam, invisibilizam. Perdem subjetividade, perdem nomeação, viram um substantivo comum: tia, profe, psora, professora...

Quando surge um homem nesses ambientes, claro que este é notado, que se diferencia, que todo mundo sabe quem é. As crianças ficam curiosas e a energia dessa pessoa apresenta algo novo a ser vivido no contexto escolar. A ele é instituído o saber, a oratória, o cargo valioso, o reconhecimento.

Nós mesmas somos responsáveis pelo enaltecimento de figuras masculinas, pelo machismo estrutural e o patriarcado que nos forjou. Em geral, colocamos figuras masculinas neste lugar, reinando absolutos, e reverenciamos seus saberes e ditos: os *filhos-varões*. Também eles tiveram mais chance de chegar ao topo, estudar e realizar muitos feitos, estar no mundo debatendo, colocando ideias em prática, defendendo pontos de vista e desenvolvendo a retórica, criando habilidades sociais de toda espécie. Enquanto isso, ainda hoje, mulheres estão “em casa”, *na retaguarda*, para dar todo o suporte (emocional e estrutural) à família: criar os filhos, providenciar a comida e o bem estar, fazer a gestão dos compromissos e da rotina, acolher, escutar, cuidar, etc etc etc... e garantir espaço para o bom desempenho dos homens no mundo.

Por isso, minha proposta é reivindicar o protagonismo a favor de mulheres_professoras, não por meio de ações e modos de educação pautados no patriarcado-capitalismo-masculino, mas intensificando e potencializando as qualidades do feminino no ato de educar.

Tornar potentes os gestos e vozes de afirmação do seu fazer pedagógico! Que as mulheres possam, elas mesmas, dizerem o que fazem, o que pensam, como lidam com os saberes e as crianças, como propõem as relações, as escutas, os afetos, como engrandecem o cotidiano, o ordinário, o caminho trilhado pela humanidade. Como cuidam da vida, do bem comum, do planeta... Que elas possam ser escutadas,

respeitadas e admiradas, seguidas e reconhecidas em seus saberes, estes sim essenciais para a existência e dignidade humanas.

2.3 Entornar o caldo

Já passou da hora para conjugar novos mundos!

As mulheres, especialmente as educadoras que têm a escuta para as infâncias, para o novo que irrompe a sequência ordenada do tempo Cronos e subverte a trajetória linear para a *mu-dança*, podem ser as guias e profetisas nesta jornada.

Nesta andança, portanto, as andarilhas caóticas - e porque não dizer, errantes, erráticas - como costura em linha, fazendo tecer um novo tempo kairós, estão exaustas de insistir a adiar o fim do mundo.

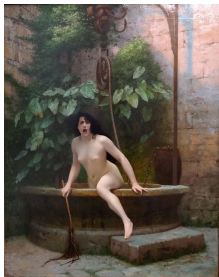
Mas como são guardiãs da vida, guerreiras pelo bem-comum, continuam agindo - de forma intuitiva e até inconsciente, porque estão conectadas à terra e a tudo que dela emana - nos pequenos lares que um colo provê, no fogo aceso a transmutar alimentos, na força e vitalidade do corpo_mãe que vira onça, nos segredos forjados clandestinamente nas casas_palavras que habitam essas mulheres.

Na costura silenciosa da espera - que também é reza, na presença misteriosa e quase invisível das tarefas cotidianas ordinárias, agindo no arquétipo do que somos para além de todos os tempos - a mudança se opera, mesmo que ninguém esteja vendo. Simplesmente, como água, seguimos arquetipicamente emanando algo como resistência. Resistência às necropolíticas, à desumanização, às violências contra a vida e o bem comum, a todas as formas de poder e opressão ou dominação (seja de raça, gênero, classe ou qualquer outra condição). É no ordinário e no cotidiano que as *microrrevoluções* acontecem.

E ao escavar sentidos para tudo isso, resgato *eros* dos sabores e da mesa posta, os temperos que trazem as forças do feminino desdobrados em tantas obras_ações e as tigelas, cuias e gamelas esvaziadas do que é excesso ou vaidade e que nos deixam ver o que têm bem lá no fundo... Revelam a *raspa do tacho*, o saber_ser mulher.

Apresenta-se assim a gamela, cuia ou tigela, vazia, exposta. O elemento feminino, cálice desnudo que apresenta a verdade e a origem de todas as coisas e seres.

- ❖ Para ilustrar por onde andou meu pensamento ao relacionar a imagem da gamela, cuia ou tigela ao feminino, faço referência às seguintes obras do séc.XIX:

	
Jean-Léon Gérôme, <i>La Vérité sortait du puits</i>, 1896 (Fig. 12)	Gustave Courbet, <i>L'Origine du Monde</i>, 1866 (Fig. 13)

Só podemos *re-verter* essa condição (a tigela vertida ou emborcada, o jarro vertendo a água, maculada e fétida, que nos foi imposta por este sistema patriarcal há séculos) se estivermos juntas, de mãos dadas, formando um círculo de força que crie um campo poderoso em seus centros e *trans-forme* o que aí está como o real e o dado, sem questionamentos.

Onde o patriarcado e o capitalismo nos levou até aqui?

Fosse um mundo pela visão matrística, não estaríamos destruindo e ceifando vidas no planeta. Porque mulheres são seres de vida, criação e transformação.

Na ânsia e no medo de serem maculados ou fragilizados por essa força e sabedoria femininas, criam um sistema e um projeto de mundo que destrói e destitui as mulheres de estarem à frente das decisões e das condutas que nos levem a uma condição digna de viver.

Como isso pode ser transformado?

Inverter a ordem do que está ao norte e ao sul - tal e qual a obra *América Invertida* de Torres Garcia - colocar feminino e masculino integrados sem uma hierarquia de poder, como se propõem as culturas matrísticas.

Diferente do patriarcado ou do matriarcado, uma abordagem matrística propõe a horizontalidade de saberes, sem dominação de uma força por outra, mas a integração das mesmas em qualidades do feminino e do masculino convivendo juntas, nos sujeitos e com todas as nuances da diversidades no coletivo.



(Fig. 14)



(Fig. 15)

Há que se abrir espaço para mulheres-professoras terem voz para poderem falar sobre seus saberes, suas experiências, seus pensamentos e seus movimentos no ato de educar - e serem ouvidas, reconhecidas, respeitadas.

Nada menos do que educadoras estarem em maioria nas mesas de decisões, nos debates, nos grupos de pesquisa, na fundamentação de saberes e práticas.

Podemos falar sobre o que importa na educação, que não é se prestar a corresponder ao mercado ou a perfis de consumo, performance e sucesso às custas de danos muito severos às crianças e jovens e, por conseguinte, às sociedades como um todo.

Hoje sabemos que essa educação baseada nos resultados e na produtividade tem nos levado ao estresse, ansiedade, culpa, medo e tantos outros sintomas de uma sociedade adoecida. A saúde mental e o bem estar, o sentido de humanidade, de pertencimento, de prazer, vínculo, segurança foram *jogados fora junto com a água da banheira*, como denuncia Byung-Chul Han¹¹.

Que as mulheres estejam à frente das reivindicações necessárias para o que é importante, qual seja: a vida! Que seus corpos dancem, inspirem, ninem, abracem e protejam, como *onças*, as infâncias e as relações humanas. Que sejam fonte inesgotável de saberes em prol do bem comum, da saúde, da união, do respeito, do

¹¹ Referência a todas as obras de Byung-Chul Han que fazem menção às consequências de uma sociedade adoecida devido aos impactos da tecnologia, do consumo e de performance.

belo - qualidades inerentes ao feminino que devem vir à frente de tudo para preservar a vida, o planeta e a humanidade!

Mulheres são múltiplas. Então, assim também são as professoras. Nenhuma é igual. E por meio do afeto, do vínculo, do encontro e do diálogo é que se estabelece a importância daquilo que fará diferença e não será esquecido, deixando marcas naquele ou naquela que tiveram a sua escuta, o seu colo, a sua voz e olhar, seus gestos e saberes. Aí ganham-se nomes, laços, criam-se memórias e a singularidade do encontro, que é sempre único e inédito, se estivermos comprometidas com ele. Assim devem ser as mulheres_professoras. Este é nosso compromisso com a vida e com as infâncias, com os saberes da humanidade e as relações com tudo ao redor.

3. Terceira colherada: Comum-unidade

Construção e proposição de uma “sopa de saberes” coletiva

“O banquete se inicia com uma decisão de amor.”

Rubem Alves, Variações sobre o Prazer (2011, p. 138)

3.1 Convite para sentar à mesa

Platão, em sua obra, O Banquete, relata o encontro de filósofos e pensadores de seu tempo para discutirem sobre as qualidades de Eros, o deus do amor. Uns dizem ser o deus mais antigo, mesmo sendo tão pueril em aparência. Buscam definições e distinções entre tipos de amor: espiritual, puro, mundano, possessivo. O prazer está no debate de ideias e no poder da argumentação, na batalha travada por meio de palavras evidenciando a rivalidade entre filosofia e poética, bem ao gosto dos homens. Há abundância em comidas e bebidas, há beleza para os olhos e conforto para o corpo. A degustação da retórica e o sabor de forjar axiomas levam ao êxtase. Eros está presente.

Neste momento, eu convoco as mulheres a se sentarem à mesa para que elas mesmas evoquem Eros, a força vital que permite o vincular-se, ato de amor que as mulheres sabem tão bem.

Fossem elas as protagonistas de um banquete, trariam seus corpos, sua ciência e sapiência no preparo dos alimentos; alimentos estes entendidos como nutrição para a conversa, o encontro, a alegria, o sonho e a poesia.

Por isso mesmo, é interessante constatar que, no mesmo Banquete, Sócrates invoca a palavra da mestra que o iniciou no erotismo, uma bruxa poderosa, chamada Diotima, que refuta todas as afirmações trazidas pelos filósofos até o momento. Neste ponto, invocando a palavra de uma mulher, o pensador dá lugar a um desvio do pensamento normativo e integra saberes femininos poderosos aos pensamentos dos homens, transmutando a compreensão do que poderia ser Eros.

Da mesma forma, invoco as mulheres a sentarem à mesa e servirem-se do banquete, ressignificando os atos (que também são qualidades) femininos, de gerar, criar, nutrir, educar, proteger, conduzir, acolher - e tantos outros - como suas obra_ações.

Sim, são ações que se tornam suas obras, investidas de eros, quando se diz dessa energia vital que nos vincula. São legados perenes, caldo ou cozido que temos a oferecer.

Neste ponto faço o resgate restaurador daquelas que foram e continuam sendo guias na trajetória em eu_ser educadora e que compartilho para que mais e mais mulheres possam compor essa *egrégora* por uma pedagogia do feminino.

Dar a ver as forças dessas mulheres, os sabores que oferecem na construção de uma educação no seu sentido mais profundo: educação como encontro de uns com outros, de um fazer na coletividade, de um abraço_cuia_colar_invólucro para todas as diferenças e em defesa das qualidades humanas.

E como as chamei de mulheres_temperos no início deste ensaio, acabei por criar a imagem de um colar de ervas e mandingas, desses vendidos em grandes mercados pelo Brasil afora.

São fios de proteções e benzeduras, temperos e garrafadas contra todo o mal, amarrações trazidas junto ao peito, que ofereço como *guianças* para as mulheres_professoras deste Brasil, também elas compondo os fios sem conta, porque infinitos são esses fios, de cem contas, que entrelaçamos de mãos dadas!

filha de quem é, capaz de investir a paixão (eros) no encontro e no percurso subjetivo de se fazer professora.	miudezas, as sutilezas e o ordinário que estão na práxis das professoras e na defesa das infâncias, engrandecendo os aromas.	associado ao amor, pode adicionar componentes raciais, sociais, territoriais, de gênero e discursivos na experiência de ser professora.	poetisa que fala sobre o viver (dentro e fora) em conexão com a natureza e a fé humanas e a condição de ser mulher; palavras nutritivas na caminhada.
			
Conceição Evaristo	Silvia Federici	Doroti Martz	
obra/conceito: Escrevivências	obra: Calibã e a Bruxa	obra: Dar-se a conhecer	
tempero: Dendê para acrescentar o estoicismo e a persistência aos valores que devem ser defendidos coletivamente.	tempero: Orégano, de odor proeminente e, como sua etimologia aponta (oros =montanha / ganas = entusiasmo), vem resgatar o poder das mulheres no mundo e suas armas para destruir toda forma de opressão.	tempero: Jambu, fruto do norte do Brasil, que provoca curiosidades e tremores (“e a utopia precisa do pensamento do tremor.”, segundo Édouard Glissant ¹²) ao expressar sua presença e narrar sua trajetória em direção à dignidade das mulheres. <i>“Tremblement”, diz Glissant, é o pensamento que “nos possibilita vaguear e nos possibilita recusar todos os sistemas de terror e dominação”.</i>	

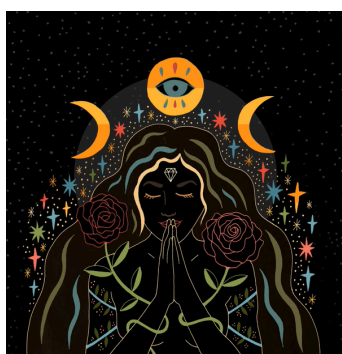
(Fig. 16)

¹² Glissant, Édouard - pensador da Martinica, citado em artigo da Revista Cult, agosto 2025
https://revistacult.uol.com.br/home/cortem-lhe-cabeca-sociedade-da-inercia/?fbclid=PAVERTVgMhHc5IeHRuA2FibQIxMAABp6uncXXO46DYLCP_ZonO-nfIY-gUZheKKk7rMdkR-OigU9Ucqwpm4GCFq78_aem_VP6rKgnFptkZgkF4F2IBDg

Estes são os fazeres das mulheres que constituem uma pedagogia inovadora, não-linear, não burocrática e nem bancária, não-hierárquica, nem tediosa, repetitiva e sem sentido. Uma pedagogia fluida como a água, com diversos afluentes que conectam-se a outros tantos saberes de maneira rizomática, como cunharam Deleuze e Guattari.

Um ato de educar que aconteça de verdade, no encontro, no chão da escola e em qualquer lugar, com o compromisso com a vida e os legados da humanidade. Uma pedagogia circular, que abarca todes e integra a obra humana.

Aqui, meu tributo, por meio da música que expressa tanto, nos une e dignifica, que pude vivenciar de mãos dadas com o grupo de educadoras da Primeira Turma da *Pós Pedagogia das Miudezas da Educação das Infâncias: sobre epistemologias, utopias e teimosias*, 2024-2025.



[Pra todas as mulheres](#)¹³

¹³ Nolasco, Mariana. Pra todas as mulheres - em <https://youtu.be/sURA8RSUELg?feature=shared>

Arremate: A Caldeirada

“É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança.”

- provérbio africano

A caldeirada só começa quando juntamos todas em um mesmo propósito. O ato de educar é plural e singular, se faz em comum_unidade. Cada um e cada uma acrescenta seu tempero, seu ingrediente. Os modos de fazer educação são muitos, de muitas vozes e gestos, todos importantíssimos - *sem tirar nem pôr*.

Há que se colocar o amor, da qualidade que bell hooks nos ensinou. O entusiasmo e a risada gostosa de Madalena Freire. Não pode faltar o acolhimento das professoras de infâncias e a sabedoria de quem fez da pedagogia seu ofício, como Bruna Ribeiro.

Tempo. Olhar para os acontecimentos cotidianos da infância como testemunhas de um milagre e de uma beleza que assombra. Dar voz, corpo e lugar às experiências que perpassam os encontros que se dão no chão da escola. Persistir e existir para além do que é dito nas sociedades; mais no gesto e na ressignificação do que é vida, vital, vitalício - e portanto, perdura.

Fazer uma educação de todos, participativa, democrática. Ensinar o convívio, a tolerância, a confiança entre pessoas. Continuar ensinando, por meio do próprio modo de ser e se relacionar, a ser gente de verdade. Implantar o desejo que é o ingrediente que une o vínculo entre as pessoas e que move o mundo, por meio do prazer de um encontro, da cumplicidade de uma brincadeira, do calor de um abraço ou de um olhar, de um segredo que envolve, de um toque que faz acordar, uma palavra que faz existir. É na coletividade que somos!

ÍNDICE DE IMAGENS

FIG 1. TORRES GARCIA, JOAQUIM. AMÉRICA INVERTIDA (1943)

FIG.2 Criação da autora de binômios de palavras escritos em fonte manuscrita Lobster

FIG. 3 - capa do livro A CONDIÇÃO HUMANA de HANNAH ARENDT com texto da autora

FIG. 4 imagem de mulheres no cuidado da prole Egito Antigo - retirado da Internet licenciável <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-10649/a-cultura-do-antigo-egito/>

FIG. 5 - FILME BUDAPESTE, ADAPTAÇÃO DO LIVRO DE MESMO NOME DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA (imagem retirada de Wikipedia e descrição da autora)

FIG. 6 - Compilado de frases ouvidas na infância da autora

FIG. 7 - imagem retirada do banco de imagens GOOGLE

FIG. 8 - desenho de autoria da própria autora

FIG. 9 - logomarca de divulgação dos atendimentos da autora feitos durante a pandemia, criado por MARIA OLIVIA APORIA

FIG. 10 - desenhos da autora

FIG. 11 A morte de Joana D'Arc na fogueira Hermann Stilke, 1843

FIG. 12 Jean-Léon Gérôme, La Vérité sortait du puits, 1896

FIG. 13 Gustave Courbet, L'Origine du Monde, 1866

FIG. 14 SÍMBOLO TAO (YANG /YIN) retirado da Internet

FIG. 15 símbolos masculino e feminino entrelaçados retirado da Internet

FIG.16 imagem criada para a matéria da REVISTA PIAUÍ de Roberto Kaz

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-colar-das-maravilhas/> edição 18, Março 2008

(não encontrado o nome do ilustrador)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Bruna . Reivindicando uma abordagem participativa com DNA brasileiro: uma utopia em construção. Diálogos Embalados : A Casa Tombada - SP, 2024

Pedagogia das Miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta.
Pedro & João Editores -São Carlos, 2022

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Ed. Forense - RJ, 2012

LARROSA, Jorge Bondía. Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor. Autêntica - BH, 2018

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Paz e Terra. RJ ,1992

FREIRE, Madalena. A Paixão de Conhecer o Mundo: relatos de uma professora. Paz e Terra. RJ, 1983

PRADO, Adélia. Bagagem in Poesia Reunida. Siciliano. SP, 1991

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Ed. Martins Fontes - SP, 2017

FEDERICI, Silvia.- Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Elefante - SP, 2017

FERNANDEZ, Alícia. A mulher escondida na professora. - Ed. Penso - SP, 1994

PATTO, Maria Helena Souza. Conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/775>

HAN, Byung-Chul _ Sociedade do Cansaço. Ed. Vozes - SP, 2015

ALVES, Rubem. Variações sobre o Prazer. Planeta - SP, 2011

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia - vol. 1.Editora 34 - SP, 2020